

A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NO 1º SEGMENTO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)

THE IMPORTANCE OF READING ON THE FIRST SEGMENT OF THE EDUCATION OF TEENAGERS AND ADULTS

Maria Joaquina Novo Carneiro

Universidade Aberta do Brasil (UAb)
Universidade Estadual do Tocantins (Unitins)
mjnovo2014@outlook.com

Tatiana Costa Martins

Universidade Estadual do Tocantins (Unitins)
taticmartins@gmail.com

Resumo: Esta produção relaciona-se ao Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia na Universidade do Tocantins e procura demonstrar a importância da leitura, convidando os profissionais da educação de Jovens e Adultos a discutirem e refletirem as suas práticas no que diz respeito à leitura de seus alunos nas instituições de ensino. Aborda as dificuldades recíprocas dos professores e dos alunos em ensinar e aprender a ler com proficiência, além, de explicitar que a leitura é indissociável da escrita sob a ótica de diversos autores; reflete sobre a carência de exemplares nas bibliotecas, bem como acerca dos próprios alunos que devem ser incluídos no mundo da leitura, uma vez que exigem um olhar diferenciado quanto ao processo educativo por terem se distanciado há tantos anos da escola. Discorre também sobre a formação de professores, a inserção dos recursos tecnológicos na educação como coadjuvante ou vilão. A fundamentação teórica enquanto escolha metodológica traz contribuições significativas sobre as diferentes abordagens do assunto em foco, como forma de amenizar os problemas que envolvem o ato de ler nas escolas que possuem a modalidade EJA, Primeiro Segmento. Afere-se que é possível, sim, a formação de bons leitores, dada a importância da leitura no cotidiano dos alunos Jovens e Adultos.

Palavras-chave: Importância da leitura; Desafios; Possibilidades; Proficiência leitora na EJA.

Abstract: This production is related to the Conclusion Work of the Pedagogy Course at the University of Tocantins and seeks to demonstrate the importance of reading, inviting young and adult education professionals to discuss and reflect their practices in reading their students Institutions. It addresses the reciprocal difficulties of teachers and students in teaching and learning to read with proficiency, in addition, to explain that reading is inseparable from writing from the perspective of several authors; Reflects on the lack of copies in libraries as well as on the students themselves who should be included in the world of reading, since they require a differentiated look at the educational process because they have distanced themselves for so many years from school. It also discusses the training of teachers, the insertion of technological resources in education as supporting or villain. The theoretical foundation as a methodological choice brings significant contributions on the different approaches of the subject in focus, as a way to soften the problems that involve the act of reading in schools that have the EJA, First Segment modality. It is pointed out that it is possible, yes, the formation of good readers, given the importance of reading in the daily life of students Young and Adults.

Key words: Importance of reading; Challenges; Possibilities; Reading proficiency in the EJA.

Introdução

A finalidade deste artigo é trazer para o contexto escolar do primeiro segmento da Educação de Jovens e Adultos, uma reflexão mais aprofundada a respeito da importância da leitura, fazendo menção aos elementos que são indissociáveis a ela, além das dificuldades encontradas para se chegar a sua proficiência. Serão apresentadas abordagens teóricas confrontando-as de forma a permitir um melhor resultado da pesquisa, ou seja, encontrar a melhor resposta para as questões inerentes ao tema, relacionando-se ao processo de ensino e aprendizagem da leitura nos estabelecimentos de ensino onde há EJA primeiro segmento.

É fato que a leitura é a principal ferramenta de aprendizagem do aluno, pois é mediante ela que esse aluno pode desenvolver-se globalmente, buscando aprendizagens que fazem parte de outros componentes curriculares e que lhe serão relevantes, principalmente desenvolvendo junto ao educando a autonomia imprescindível a conquistas futuras, seja em âmbito cognitivo, social

ou psicológico. Justifica-se, pois, pela necessidade de se desenvolver as habilidades e construir as competências leitoras dos alunos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem.

Apesar de tanto se falar em leitura nas escolas, de ser tema de discussões por estudiosos e há tantas décadas, por que ainda há dificuldades quanto à formação de um bom leitor? De que forma o professor de linguagens e códigos pode proceder para despertar o leitor adormecido que há em seus alunos? Será que ficou alguma lacuna nesse percurso que impeça o aluno de refletir sobre sua própria prática de leitura, compreendendo-a e interpretando-a de forma plausível? E que o impede um desenvolvimento proficiente?

Questionamentos que, se refletidos a luz das teorias, podem encontrar significado nas práticas docentes, com vistas à formação de leitores que se sintam protagonistas dos processos de ensino e aprendizagem mediados pela leitura.

Os desafios da leitura: alfabetizar e letrar

Quando o aluno chega à escola pela primeira vez, ou quando retorna após períodos de descontinuidade, traz consigo uma bagagem intelectual bastante significativa para suas futuras aprendizagens. Costuma-se dizer que ele já é uma pessoa letrada, precisando, pois, ser alfabetizado, tarefa que parece simples ao falar, mas que se constitui em trabalho árduo para os docentes, em virtude de inúmeras variáveis que necessitam ser consideradas ao longo do processo.

Alfabetizar remete-se ao ato de aprender a ler e a escrever. O processo com o jovem e adulto, na modalidade EJA, não difere muito das outras modalidades oferecidas pelas instituições de ensino, pois o aluno também deve se submeter a um processo de ensino e aprendizagem com variadas situações em que a leitura é o foco principal, necessitando ser valorizado em suas vivências particulares, em consonância com as literaturas acerca desta modalidade de ensino.

Como educador preciso ir “lendo” cada vez melhor a leitura do mundo que os grupos populares com quem trabalho fazem do seu contexto imediato e do maior do que o seu é parte. O que quero dizer é o seguinte: não posso de maneira alguma nas minhas relações políticos-pedagógicas com os grupos populares desconsiderar seu saber de experiência feito. Sua explicação do mundo de que faz parte a compreensão de sua própria presença no mundo. E isso tudo vem explicitado ou sugerido ou escondido no que chamo “leitura do mundo” que precede sempre “a leitura da palavra”. (FREIRE, 1996, p.81).

Ao integrar a sociedade letrada, o ser humano precisa sobremaneira constituir-se em um leitor em potencial. O ato de ler é imprescindível no contexto de ensinar e aprender, além de ser uma troca de experiências, de ideias, de descobertas ilimitadas e de viagens pelo mundo da imaginação, estabelecendo relações muito íntimas entre a obra e o leitor. Essa atividade permite a todos, independente de os alunos serem jovens ou adultos, realizarem viagens sem sair de sua casa ou da escola. Mediante a leitura é que os jovens e adultos despertam o gosto por essa atividade, adquirindo depois desse primeiro momento, a autonomia dele próprio buscar suas futuras leituras, realizando escolhas particulares, de acordo com os seus anseios pessoais, imediatos ou necessidades de complementar seus estudos.

Ler é ser capaz de se descentrar de suas ideias e pensamentos para acompanhar, compreender, analisar, julgar o pensamento do outro, buscar o significado por trás das palavras, ler também as entrelinhas (MOREIRA,1993, apud SCHWARTZ, 2012, p.24).

O bom leitor não é aquele que lê tudo e de qualquer maneira, ou apenas decodifica signos linguísticos, mas aquele que busca ver além do que está explícito nas palavras que compõem a obra. A criteriosa pesquisa, fundamentada nas bibliografias que se destinam ao EJA, aponta que ser um bom leitor implica em uma série de fatores que contribuem para complementar essa leitura, que vai desde a codificação e decodificação, compreensão, interpretação e impressões pessoais que o leitor pode acrescentar aos textos que estão sendo lidos. Nos casos específicos de leitura e

de escrita, alguns teóricos afirmam que é preciso “aprender a codificar e decodificar, para depois aprender a produzir e a compreender”. (SOARES, 2001; CAGLIARI, 1998 Apud SCHWARTZ, p.47).

É indiscutível a relação da leitura com a escrita, não se pode em hipótese alguma divorciá-las, haja vista, que as duas estão intrinsecamente ligadas. O processo de alfabetização e letramento começa com a leitura que provém da escrita, e ambas devem manter um elo com a sociedade letrada da qual fazem parte, pois na maioria das relações que se estabelecem na sociedade a leitura faz-se presente. Desta forma, torna-se fundamental que o educador compreenda as dimensões da alfabetização e do letramento.

Alfabetizar e letrar são duas ações distintas, mas são inseparáveis, ao contrário: o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja, ensinar a ler e escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita de modo que o indivíduo se tornasse ao mesmo tempo alfabetizado e letrado. (SOARES 1998, apud LEAL, ALBUQUERQUE E MORAES, 2010, p.19).

A inter-relação entre alfabetização e letramento é fundamental para que se possam conceber práticas construtivas e efetivas de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita em turmas da Educação de Jovens e Adultos, atribuindo significado real às situações do cotidiano escolar.

Leitura: condição básica para as diversas aprendizagens

Diversos fatores levaram alunos a não continuarem os estudos de forma sequencial. Assim, jovens e adultos sentem a necessidade de aprender algo que deixaram para trás, e que no momento se constitui um espaço vazio em sua vida, além de receberem o estigma de que são pessoas fracassadas e com dificuldades de aprendizagem. Geralmente as próprias condições de trabalho começam a sinalizar a necessidade de continuidade dos estudos, ou até mesmo dentro do ambiente familiar percebem cobranças quanto a um maior engajamento leitor.

Esses alunos da EJA são de certa forma, considerados com necessidades educacionais especiais, visto que se afastaram há muito tempo das instituições de ensino. A expressão necessidades educacionais especiais não se limita a dificuldades de cunho físico, e neste caso se aplica por não terem tido a oportunidade de seguir o currículo formal em determinada época da vida, por morarem na zona rural, ou por terem seguido o caminho inverso, constituir famílias e depois estudar, outros por não terem o apoio dos familiares, que em maioria também eram analfabetos, dedicando-se de forma imediata ao trabalho braçal, enfim, por uma infinidade de motivos que deixaram marcas.

As exigências do mercado de trabalho pressionam esses alunos a voltarem para a escola, e por se tratar de uma sociedade em que o saber letrado é altamente valorizado, existe um movimento de volta à escola com o intuito de adquirirem conhecimentos que possam qualificá-los e garantir a conquista de seus direitos, além de lhes dar melhores condições de vida, almejando uma vida mais digna e adequada aos seus familiares.

Nota-se que os jovens e adultos reivindicam a escola, trazendo em suas palavras anseios com relação a ela como uma tábua de salvação, em que unem a necessidade, o desejo e o direito que possuem, por isso há de se considerar esse tripé ao realizar atividades e ao torná-los agentes do conhecimento e aprendizagens, entretanto, pautando as metodologias educativas baseadas no perfil verdadeiro de sua clientela. Tais apontamentos foram evidenciados ao longo das práticas de estágios possibilitados pelo curso de Pedagogia e reforçam a importância do olhar atento do educador para com a realidade.

Valorização dos conhecimentos prévios

Realizar um diagnóstico do conhecimento prévio dos alunos, além de conhecer a realidade de vivência de cada um deles, é uma forma do professor ter um norte, um ponto de partida para efetuar seus planejamentos de acordo com a sua demanda, considerando as reais necessidades.

A escola precisa considerar o fato de que seus alunos são partes fundamentais de uma sociedade que tem o letramento como elemento integrador, por isso, a leitura se constitui parte relevante e indispensável, além de ser a base de aprendizagens concretas em todas as áreas do

conhecimento, valorizando o saber prévio, reorganizando-o de forma correta e significativa, respeitando a coerência e coesão, possibilitando-os o gerenciar do conhecimento e da vida cotidiana, independente do contexto que se apresente.

A busca por metodologias que despertem o gosto pela leitura e preencham lacunas na escolarização deve ser o foco do educador da EJA, uma vez que são jovens e adultos que precisam ser inseridos neste mundo literário. Esse conhecimento prévio está diretamente pinçado de acordo com a ideia, que apresenta três modalidades de saber que são visíveis nos alunos adultos: “O saber sensível, o saber do trabalho e o saber cotidiano. Promover interface, valorizar esses conhecimentos prévios, dentro das salas de aula da EJA, é uma maneira de subsidiar favoravelmente a construção do saber escolar” (CARBONELL, 2012, p.79).

O professor deve sondar seus alunos sobre os conhecimentos que têm a respeito de todos os conteúdos de aprendizagem ou das particularidades que envolvem o ensino de todo e qualquer assunto escolar, principalmente quando se trata de leitura. Isso não se constitui em tarefa fácil, pois exige dedicação do profissional de educação. O docente deve se colocar na perspectiva do aluno, tendo a ciência de que sempre haverá conhecimentos, ainda que mínimos, mesmo que pouco elaborados ou coerentes, e que precisam ser reconhecidos e valorizados, porque é a partir daí que se iniciam outros conhecimentos mais consistentes. Desta forma, é imprescindível refletir teoricamente sobre a postura docente frente ao ensino na EJA.

À primeira vista estes aspectos podem denotar uma preocupação meramente instrumental, entretanto, a ultrapassa ao incidir sobre questões como: que lugar deve ocupar a experiência de vida dessas pessoas na forma de abordar os conteúdos? Como valorizar suas experiências sem deixar de lhe possibilitar ascender a uma interpretação mais elaborada e crítica daquele conhecimento? De que modo ensinar o desenvolvimento de atitudes baseadas numa compreensão aprofundada e crítica do conhecimento? Tais deliberações são éticas, pois refletem a preocupação docente em tomar o encaminhamento que melhor favoreçam aprendizado discente, sem, no entanto, perder de vista a necessidade de fazê-lo situado e significativo, com o cuidado de não excluir os alunos de suas decisões. (FARIAS, 2011, p.93).

Há diferenças entre o grau de conhecimento de cada aluno, dificultando assim o trabalho docente, mas isso não se constituirá em motivos para o professor deixar de avaliar a média do conhecimento de seus alunos, em uma postura a princípio diagnóstica, de modo a facilitar futuras abordagens em sala de aula, trabalhando as dificuldades de acordo com as particularidades, e com isso, certamente obterá melhores resultados com relação aos objetivos traçados.

O professor é o agente de mediação do saber com seus alunos, é, pois, quem responde de forma direta pela disposição desses saberes adquiridos por eles, responsabilizando-se pela sua segmentação, abrangência e profundidade, assim como a respeito dos melhores meios que serão utilizados para promover o aprendizado.

Fatores que limitam o ensino e aprendizagem de leitura X inserção dos recursos tecnológicos

Existem escolas que não possuem bibliotecas, os poucos livros que existem ficam encaixotados por falta de espaços adequados e lugares apropriados para expô-los de maneira que possam ficar de livre acesso aos alunos/leitores, para folheá-los, lê-los e efetuarem pesquisas. Uma prática sistemática de incentivo à leitura fará com que a escola promova a formação de leitores com proficiência conforme a ideia a seguir.

Ler não consiste em combinar letras e sílabas: agora se sabe que para ler não se trata de primeiro “fotografar” e memorizar formas (letras, sílabas) para combiná-las e depois entender o que se está lendo. Ler é buscar ativamente o significado de um

texto, em relação com as próprias necessidades, interesses e projetos. (JOLIBERT 2004 apud MICOTTI, 2009, p.267).

Apesar da relevância do ensino da leitura no contexto escolar e para a sociedade, o que se percebe é que as escolas em que existe a modalidade EJA, inexistem acervos bibliográficos que possam proporcionar aos alunos a diversificação quanto às leituras, despertando neles o gosto e o prazer. Muitos têm acesso apenas ao livro didático que, por mais que ofereçam gêneros textuais, acabam se tornando insuficientes diante da grande necessidade, dificultando que desenvolvam situações perenes de leitura. Trabalhar em sala de aula as diferentes situações cotidianas que se relacionam com a leitura é forma de ampliar o acesso e a curiosidade dos leitores.

Se considerarmos que as práticas de leitura e de escrita estão se tornando cada vez mais complexas, é difícil encontrarmos, atualmente, pessoas que não possuam experiências com a linguagem escrita. Não existem, especialmente nos meios urbanos, pessoas que não participem, mesmo que indiretamente, de práticas envolvendo a língua escrita. Recordemos, por exemplo, que ao assistirmos a um telejornal, mesmo que não saibamos, estamos presenciando a leitura que o locutor faz das notícias no teleprompter. (LEAL, ALBUQUERQUE e MORAIS, 2010, p.14).

Por muito tempo, o principal meio de comunicação de massa foi a televisão, que desprendia a atenção do maior número de pessoas de outras atividades ao mesmo tempo, no entanto, além de entreter, animar e prender essas pessoas, também privou alunos jovens e adultos de outras práticas de leitura, e com isso, tornou-se rival dos professores com relação à leitura nas escolas. Fato este que demonstra a importância de o professor explorar a televisão em suas aulas e promover visões críticas entre os alunos, de modo que reflitam acerca de conclusões pessoais.

Com a chegada dos recursos tecnológicos mais atuais, muitos setores na educação se veem frente às inovações, principalmente no quesito pesquisas em laboratórios, no caso de escolas que têm esse recurso e o utilizam para aperfeiçoar o trabalho dos professores, relacionando-os às metodologias aplicadas junto aos seus alunos. O computador e a internet, quando usados de forma significativa e com objetivos, possibilitam inovação no ensino da leitura e escrita.

O computador e a internet, bem como os aplicativos de celulares, podem ser utilizados em benefício da educação, principalmente na aquisição da leitura e no momento de escrever. O educador necessita refletir com seus alunos, inclusive, sobre práticas distorcidas de escrita, por vezes incompreensíveis. Ao escrever mensagens, principalmente no WhatsApp, as palavras são grafadas de forma reduzida ou abreviada e de maneira errônea. Gravar áudios poderia ser uma estratégia ótima de se trabalhar a oralidade de forma coerente, sob a orientação do professor, caso contrário, acaba por se constituir em palavras e construções desconexas, sem contexto ou sentido para a aprendizagem. Baseado nesse contexto, Kupstas afirma que “o professor interage com o aluno e a máquina dirigindo o espetáculo” (1998, p.131). Na perspectiva da aprendizagem através das tecnologias é fundamental que o educador posicione-se como mediador dos processos.

Percebe-se que, o que poderia ser um aliado na educação de jovens e adultos, pode dificultar ainda mais o ensino de leitura nas escolas, principalmente porque os alunos costumam utilizar o celular dentro das salas de aula, no momento em que a aula acontece, e não para fins pedagógicos, mas pessoais e irrelevantes para o contexto proposto pelo educador.

Há de se considerar que os alunos chegam à escola com certa bagagem literária, embora alguns apenas decodifiquem, ou seja, leem, mas não compreendem o texto na íntegra. Alguns convivem com pessoas de letramento mais amplo e por essa razão chegam com uma bagagem determinada de conhecimentos, pois interagem na sociedade letrada, já outros por assistirem a um programa de televisão, jornal, propagandas em geral, uma missa, leitura da bíblia, bula, receitas, história, enfim, contatos com vários tipos de leitura, no entanto, precisa aprender a ler e escrever. Toda a heterogeneidade existente na sala de aula necessita ser considerada e valorizada no planejamento, execução e avaliação das situações de aprendizagem propostas.

Iniciar a aula com uma leitura de texto em voz alta pelo professor é uma boa estratégia para darmos acesso a autores que eles desconhecem e aos poucos passem a conhecer; gêneros discursivos que eles não tenham familiaridade; a temáticas que eles possam aprofundar. A leitura pelo professor também pode fornecer ao estudante um modelo de leitor fluente. Com o passar do tempo, o professor pode sugerir que os alunos leiam em voz alta para a turma, sem obviamente, forçá-los a isso e sem constrangê-los. (LEAL e MORAIS, 2010, p.75).

Nesse espaço entram as abordagens metodológicas do professor, no contexto de leitura em que o aluno tem dificuldades de assimilar, e em contrapartida o professor também encontra certa dificuldade de ensinar, uma vez que a clientela também vem repleta de uma série de fatores que acabam interferindo no ensino e aprendizagem. Dentre eles, e que são considerados essenciais, estão sua baixa-estima, falta de autoconfiança, que levam à insegurança, sonolência, além das dificuldades de aprendizagem por ficarem afastados há tanto tempo da escola.

Mediante várias práticas de ensino de leitura nas turmas da EJA, os alunos podem agregar significados ao que leem. Nestas condições, os educandos, ao se depararem com os textos nos eventos sociais de leitura, fora do contexto das instituições de ensino, não se dedicam apenas à decifração dos signos, preocupando-se, somente com a pontuação e a pronúncia das palavras, mas atribuirão novos sentidos e características ao que ora estão lendo. E nessa atividade erradicarão o condicionamento a que eram submetidos ao terem acesso a fontes escassas de leitura, ou não terem acesso às mesmas.

Percebe-se, que este público jovem e adulto advindo de um dia cansativo de trabalho, possui posturas positivas frente à aprendizagem, a maioria por serem senhoras e senhores que formam o corpo discente da escola, possuem a consciência de que precisam se esforçar, serem participativos e socializarem-se, a fim de que possam ser alfabetizados, com maior agilidade. Querem aprender a ler e a escrever apesar das suas limitações, buscando extrair o máximo do professor, reforçando o compromisso docente frente às expectativas.

Todos esses fatores contribuem para o desenvolvimento intelectual gradativo no que compete à leitura. Não se deve generalizar, pois há sempre aqueles alunos que se sobressaem em quase todos os sentidos, e os que conseguem aprender, de maneira superficial. A escola na modalidade EJA necessita romper com o paradigma de atender parcialmente aos objetivos propostos, contribuindo de fato para a atuação desse aluno ativamente na sociedade da qual faz parte. Corroborando com as palavras supracitadas conclui-se que: “Dessa forma, o sujeito da alfabetização é o próprio analfabeto. Ao contrário de ser o objeto da ação do educador, é o próprio sujeito de sua transformação pessoal” (PINTO, 2005, p.98).

O professor precisa rever a sua prática constantemente, fazer uma ação-reflexão-ação sobre o que ensina, colocar-se no lugar dos alunos para descobrir suas reais necessidades, e poder empregar com esse aluno uma metodologia eficaz de ensino, bem como buscar leituras que façam parte desse universo jovem ou adulto com estratégias diferenciadas, inovadoras ou adaptadas para essa clientela, a fim de sanar, ou senão amenizar, as dificuldades de aprendizagem de leitura integral, compreendida e interpretada de forma segura e autônoma.

O profissional da educação, principalmente, o professor de língua portuguesa que mais enfatiza a questão leitura e escrita de seus alunos (mesmo não sendo tarefa unicamente sua, mas de todas as outras disciplinas que compõem o currículo escolar), contribui para o desenvolvimento leitor do aluno quando compreende a importância do prazer na leitura proposta. Nesse pressuposto, o professor deve ser um leitor e também um escritor, e concomitante a isso deve fazer uma reflexão sobre as suas práticas pedagógicas nesse ensino e aprendizagem da leitura com proficiência, pois é nesse contexto que se problematizam todas as questões relacionadas às atividades literárias dos educandos.

Esse professor precisa estar em constante busca por melhoria de sua prática, através de formações continuadas, especializações, uma vez que a concepção de leitura dele próprio é restrita, não podendo limitar-se apenas à sua formação inicial e esporadicamente a algumas formações que

oferecem poucas situações propícias ao desenvolvimento da leitura, e que acabam refletindo nas suas práticas em sala de aula, principalmente nas turmas de EJA. Existem acervos diversificados e exclusivos para professores, a fim de que possam permanecer atualizados, desenvolvendo um trabalho de melhor qualidade, tendo como centro da prática a constante formação.

A formação do professor é condição básica para que se efetive uma política de formação de leitores no âmbito da escola. Não se trata de um professor que apenas “leia”, mas de um professor que leia com competência e autonomia, capaz não apenas de incentivar seus alunos, mas de mostrar-lhes as sutilezas e entrelinhas dos textos, em especial dos textos escritos. (BERENBLUM, 2009, p.28).

O que se pretende é incentivar o professor e demais pessoas envolvidas com a questão da leitura nas escolas, a fomentarem e discutirem a importância do assunto, fornecendo instrumentos para que esse tema seja pauta contínua e permanente, que os professores despertem também para esse caminho e sejam capazes de disseminar essa ideia em seus alunos, formando, pois, verdadeiramente leitores com fluência, permitindo a todos a oportunidade de contribuírem com o desenvolvimento da leitura que deve ser o eixo principal de estudo nas escolas. Sendo o desenvolvimento leitor a convergência das ações entre os muitos setores e sujeitos da escola.

Os caminhos da formação continuada necessitam de formulações permanentes e integradas às propostas pedagógicas dos sistemas, pensadas plurianualmente, perdendo a marca episódica que tem sido sua face mais conhecida. Do mesmo modo exige direcionar programas de formação para além de professores, alcançando agentes e responsáveis por bibliotecas, bibliotecários, onde houver, e gestores. (BERENBLUM 2009, p.28).

Destarte, cabe ao professor ser criativo, dinâmico, ativo, inovador e proativo, capaz de sensibilizar e despertar a atenção dos alunos, sendo hábil em preparar situações propícias à aprendizagem, que possam atender com excelência aos jovens e adultos, fazendo-os participar de atividade de todos os trabalhos propostos.

O professor pode começar o seu trabalho com as leituras que sejam de interesse desses alunos, em consonância com as necessidades manifestadas, e que possam utilizar no seu cotidiano, quer seja na escola, em casa ou na sua vida em sociedade, levando-os a tirarem suas próprias conclusões, debaterem, refletirem e tecerem críticas baseadas nas informações que chegam até eles.

A leitura vista como fonte de necessidade e utilidade para o público jovem e adulto os motiva a quererem aprender cada vez mais e melhor, para cumprirem o papel de pais e mães que ajudem os filhos a realizarem as atividades para casa, pessoas que seguem uma religião e sentem necessidade de ler a bíblia, como caminho de lutar contra a pobreza, entre uma infinidade de outros motivos particulares. Assim torna-se possível preencher essa lacuna que foi aberta há muito tempo, e nesse momento, os alunos veem a oportunidade de supri-la, tornando-se aptos e confiantes, e com o tempo, se tornarão leitores ditos proficientes. Essa ideia constitui uma iniciativa inovadora e em relação a ela conclui-se que: “A educação do adulto não pode ser conseguida separada da educação da criança, porque o adulto não desejará se alfabetizar se não considera necessário saber ao menos tanto quanto seus filhos” (PINTO 2005, p.81). Esta perspectiva quanto ao contexto familiar do jovem e do adulto também precisa ser considerada pelo educador.

As escolas devem inovar suas propostas de forma a dar condições aos alunos jovens e adultos a uma leitura de qualidade, que possa ajudá-los a se desenvolverem nas outras disciplinas, não só da área de humanas, bem como nas ciências exatas, dentre outras, incluindo as tecnologias como coadjuvantes na aquisição da ortografia, ortoepia e semântica, se tornando assim um leitor crítico e conseqüentemente aprendendo a escrever, pronunciar e atribuir sentidos respectivamente às palavras e textos lidos, ampliando assim o seu universo não só no que compete à leitura, mas que permitam transferirem o que aprenderam para outros contextos da vida.

Quem lê deve ser capaz de interrogar-se sobre sua própria compreensão, estabelecer relações entre o que lê e o que faz parte do seu acervo pessoal, questionar seu conhecimento e modificá-lo, estabelecer generalizações que permitam transferir o que foi aprendido para outros contextos diferentes. (SOLÉ 1998, p.118 apud PORTO, 2009, p.25).

Por conseguinte, ao se atingir o objetivo de reconhecer a importância da leitura na formação de leitores proficientes, formar-se-á também pessoas capazes de resolver questões de raciocínio lógico, escrita de textos, e conhecimentos básicos de informática, conscientizando não só o corpo docente, mas também os alunos, de que o caminho para aprender de forma global é a leitura, reconhecendo a sua imprescindibilidade, em qualquer contexto da vida humana, principalmente no âmbito escolar, colaborando assim, com a sua formação intelectual e integral.

Precisa-se de condições de trabalho adequadas, além de professores preparados, proativos e que apliquem metodologias inovadoras que possam despertar e motivar seus alunos a descobrirem esse mundo das palavras escritas, conhecendo então, lugares que somente a leitura pode conceber a quem tem ela como rotina e não como um hábito esporádico. De modo que leve o aluno a “entender o que se lê e escrever o que se entende”. (FREIRE, 1967 apud FRANCHI, 2012, p.100).

Para ser considerado um leitor ativo e eficiente exige-se a entrega do sujeito envolvido no processo, tanto em âmbito cognitivo, social e emocional. O aluno é responsável pela construção de novos sentidos àquele texto que ora está lendo, e o professor é o grande mediador desta construção. Os Parâmetros Curriculares Nacionais, no tópico Prática de Leitura, defendem essa atuação do leitor e asseguram que:

A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a língua: características do gênero, do portador, do sistema de escrita, etc. (BRASIL, 2001, p. 53).

Assim, restam às escolas e sistemas educacionais investirem mais em bibliotecas e espaços que contribuam para que esses estabelecimentos possam ter condições de desenvolver um trabalho eficiente no que concerne à prática da leitura, considerando as necessidades dos alunos e a formação continuada dos professores.

Considerações finais

Dada a importância da leitura e as dificuldades encontradas para se chegar à formação de leitores proficientes nas escolas que oferecem o Primeiro Segmento EJA, torna-se imprescindível que os educadores reflitam sobre os fatores que acentuam essa dificuldade frente ao processo de ensinar e aprender. Tais variáveis relacionam-se às condições de trabalho, pouco ou nenhum acesso às obras literárias ou acervos que estimulem a leitura, dificuldade quanto a pré-requisitos no processo de alfabetização, entre outras circunstâncias presentes na vida do jovem e do adulto, e que precisam ser compreendidas.

Sabe-se que o fio condutor para a aprendizagem integral dos alunos é a leitura, mas que ela está carregada de deficiências que se não forem desbancadas, esse processo permanecerá engessado, e assim, estagnado e lento, podendo ocasionar uma prática equivocada do professor e frustração para o aluno da EJA. Tais constatações foram percebidas ao longo das práticas de estágio no curso de Pedagogia e podem ser evidenciadas em avaliações internas ou externas e que envolvem situações práticas de leitura, compreensão e interpretação. Nesse ínterim, o professor necessita refletir sobre o seu papel social. Paralelo a isso e baseado nas leituras realizadas nas diversas fontes teóricas acerca do tema abordado, permite-se afirmar que as escolas ainda precisam de uma postura reflexiva por parte do professor e demais sujeitos educacionais, em se tratando das práticas de leitura. A quebra de paradigma é proposta a partir de uma postura do profissional enquanto pesquisador, investigador, capaz de dedicar-se às próprias descobertas, as quais através

das práticas de leituras o auxiliam no trabalho pedagógico.

O trabalho de conclusão de curso referencia-se como um marco de experiências de que o assunto em foco é indiscutivelmente co-dependente dos signos linguísticos, principalmente da escrita. A questão da escassez de exemplares nas escolas, a ausência de bibliotecas e a falta de acessibilidade, os poucos livros existentes, restringem, em muitos casos, essa atividade de leitura apenas ao livro didático, que apesar de possuir vários gêneros textuais, não são suficientes para tornar esses alunos leitores com proficiência, pois, seu acervo textual não consegue permitir ao aluno inferir novas descobertas, ou seja, aquelas que ele faria sozinho em casa sem o auxílio de seu professor. Os alunos precisam adquirir autonomia para ler, despertando sua curiosidade e interesse, realizando suas próprias escolhas literárias, a fim de que possam se tornar leitores críticos em potencial.

É clara a importância da leitura na Educação de Jovens e Adultos, de forma que os professores busquem metodologias inovadoras e que motivem seus alunos a enveredarem por esse caminho da pesquisa, da descoberta quanto ao prazer de ler, pois há a possibilidade de se formar bons leitores, processo intimamente relacionado às estratégias pedagógicas empregadas pelos docentes.

Portanto, a realização desse Trabalho de Conclusão de Curso trouxe contribuições teóricas significativas para o acadêmico de Pedagogia e para os profissionais da Educação de forma geral, uma vez que apresenta importantes apontamentos sobre a leitura, as metodologias empregadas, assim como a valorização do conhecimento adquirido antes da escola e as contribuições das novas tecnologias, além das formações pelas quais os professores devem se dedicar, para que possam desenvolver um trabalho eficaz, levando assim a clientela envolvida a ler nas entrelinhas, a ver além do que está escrito, se permitindo ser um leitor crítico, capaz de ler não só o mundo, bem como as palavras, e assim, se constituir um cidadão participativo da sociedade da qual faz parte. Sugere-se que o professor, por ser um pesquisador, o autor da ação-reflexão-ação constante, continue suas buscas pelas melhores situações metodológicas que possam tornar possível aos seus alunos um melhor desempenho no que cabe a leitura proficiente.

Referências

BERENBLUM, Andréa. **Por uma política de formação de leitores**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC, 2001.

CARBONELL, Sonia. **Educação Estética na EJA: a beleza de ensinar e aprender com jovens e adultos**. São Paulo: Telos, 2012.

FARIAS, Isabel Maria Sabino de. **Didática e docência: aprendendo a profissão**. 3 ed., nova ortografia. Brasília: Liber livro, 2011.

FRANCHI, Eglê. **Pedagogia do alfabetizar letrando: da oralidade à escrita**. 9.ed. São Paulo: Cortez, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GERALDI, João Wanderley. **Portos de passagem**. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

KUPSTAS, Marcia. **Ciência e tecnologia em debate**. São Paulo: Moderna, 1998.

LEAL, Telma Ferraz; ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de e MORAIS, Arthur Gomes de. **Alfabetizar Letrando na EJA: fundamentos teóricos e propostas didáticas**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

MICOTTI, Maria Cecília de Oliveira. **Leitura e escrita: Como aprender com êxito por meio da pedagogia por projetos.** São Paulo: Contexto, 2009.

PINTO, Álvaro Vieira. **Sete lições sobre educação de adultos.** Introdução e entrevista de Demerval Saviani e Betty Antunes de Oliveira: versão fina revista elo autor. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

PORTO, Márcia. **Um diálogo entre gêneros textuais.** 1 ed. Curitiba: Aymar, 2009.

SCHWARTZ, Suzana. **Alfabetização de jovens e adultos: teoria e prática.** 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

Recebido em 16 de janeiro de 2017.

Aprovado em 2 de março de 2017.